

## DOMINGO XI DO TEMPO COMUM

### CIC 1441-1442: só Deus perdoa o pecado

**1441** Só Deus perdoa os pecados<sup>1</sup>. Jesus, porque é Filho de Deus, diz de Si próprio: «O Filho do Homem tem na terra o poder de perdoar os pecados» (*Mc 2, 10*) e exerce este poder divino: «Os teus pecados são-te perdoados!» (*Mc 2, 5*)<sup>2</sup>. Mais ainda: em virtude da sua autoridade divina, concede este poder aos homens<sup>3</sup> para que o exerçam em seu nome.

**1442** Cristo quis que a sua Igreja fosse, toda ela, na sua oração, na sua vida e na sua actividade, sinal e instrumento do perdão e da reconciliação que Ele nos adquiriu pelo preço do seu sangue. Entretanto, confiou o exercício do poder de absolvição ao ministério apostólico. É este que está encarregado do «ministério da reconciliação» (*2 Cor 5, 18*). O apóstolo é enviado «em nome de Cristo» e «é o próprio Deus» que, através dele, exorta e suplica: «Deixai-vos reconciliar com Deus» (*2 Cor 5, 20*).

### CIC 1987-1995: a justificação

**1987** A graça do Espírito Santo tem o poder de nos justificar, isto é, de nos lavar dos nossos pecados e de nos comunicar «a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo»<sup>4</sup> e pelo Baptismo<sup>5</sup>:

«Se morremos com Cristo, acreditamos que também com Ele viveremos, sabendo que, uma vez ressuscitado dos mortos, Cristo já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele. Porque, na morte que sofreu, Cristo morreu para o pecado de uma vez para sempre; mas a sua vida é uma vida para Deus. Assim vós também, considerai-vos mortos para o pecado e vivos para Deus, em Cristo Jesus» (*Rm 6, 8-11*).

**1988** Pelo poder do Espírito Santo, nós tomamos parte na paixão de Cristo, morrendo para o pecado, e na sua ressurreição, nascendo para uma vida nova. Somos os membros do seu corpo, que é a Igreja<sup>6</sup>, os sarmentos enxertados na videira, que é Ele próprio<sup>7</sup>:

«É pelo Espírito que nós temos parte em Deus. [...] Pela participação no Espírito, tornamo-nos participantes da natureza divina [...]. É por isso que aqueles em quem habita o Espírito são divinizados»<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Cf. *Mc 2, 7*.

<sup>2</sup> Cf. *Lc 7, 48*.

<sup>3</sup> Cf. *Jo 20, 21-23*.

<sup>4</sup> Cf. *Rm 3, 22*.

<sup>5</sup> Cf. *Rm 6, 3-4*.

<sup>6</sup> Cf. *1 Cor 12*.

<sup>7</sup> Cf. *Jo 15, 1-4*.

<sup>8</sup> SANTO ATANÁSIO DE ALEXANDRIA, *Epistula ad Serapionem*, 1, 24: PG 26, 585-588.

- 1989** A primeira obra da graça do Espírito Santo é a *conversão*, que opera a justificação, segundo a mensagem de Jesus no princípio do Evangelho: «Convertei-vos, que está perto o Reino dos céus» (Mt 4, 17). Sob a moção da graça, o homem volta-se para Deus e desvia-se do pecado, acolhendo assim o perdão e a justiça do Alto. «A justificação comporta, portanto, a remissão dos pecados, a santificação e a renovação do homem interior»<sup>9</sup>.
- 1990** A justificação *desliga o homem do pecado*, que está em contradição com o amor de Deus, e purifica-lhe o coração. A justificação continua a iniciativa da misericórdia de Deus, que oferece o perdão; reconcilia o homem com Deus; liberta-o da escravidão do pecado e cura-o.
- 1991** A justificação é, ao mesmo tempo, *acolhimento da justiça de Deus* pela fé em Jesus Cristo. Justiça designa, aqui, a rectidão do amor divino. Com a justificação, são difundidas nos nossos corações a fé, a esperança e a caridade, e é-nos concedida a obediência à vontade divina.
- 1992** A justificação foi-nos *merecida pela paixão de Cristo*, que na cruz Se ofereceu como hóstia viva, santa e agradável a Deus, e cujo sangue se tornou instrumento de propiciação pelos pecados de todos os homens. A justificação é concedida pelo Baptismo, sacramento da fé. Conformamos-nos com a justiça de Deus que nos torna interiormente justos pelo poder da sua misericórdia. E tem por fim a glória de Deus e de Cristo, e o dom da vida eterna<sup>10</sup>;
- «Mas agora, foi sem a Lei que se manifestou a justiça de Deus, atestada pela Lei e pelos Profetas: a justiça que vem para todos os crentes, mediante a fé em Jesus Cristo. É que não há diferença alguma: todos pecaram e estão privados da glória de Deus. Sem o merecerem, são justificados pela sua graça, em virtude da redenção realizada em Cristo Jesus. Deus ofereceu-o para, nele, pelo seu sangue, se realizar a expiação que actua mediante a fé; foi assim que Ele mostrou a sua justiça, ao perdoar os pecados cometidos outrora, no tempo da divina paciência. Deus mostra assim a sua justiça no tempo presente, porque Ele é justo e justifica quem tem fé em Jesus» (Rm 3, 21-26).
- 1993** A justificação estabelece a *colaboração entre a graça de Deus e a liberdade do homem*. Do lado do homem, exprime-se no assentimento da fé à Palavra de Deus que convida à conversão, e na cooperação da caridade com o impulso do Espírito Santo que se lhe adianta e o guarda:
- «Quando Deus move o coração do homem pela iluminação do Espírito Santo, o homem não fica sem fazer nada ao receber esta inspiração, que, aliás, pode rejeitar; no entanto, também não pode, sem a graça de Deus, caminhar, por sua livre vontade, para a justiça na sua presença»<sup>11</sup>.
- 1994** A justificação é a *obra mais excelente do amor de Deus* manifestado em Cristo Jesus e concedido pelo Espírito Santo. Santo Agostinho pensa que «a justificação do ímpio é obra maior que a criação do céu e da terra»; porque «o céu e a terra

<sup>9</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1528.

<sup>10</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.

<sup>11</sup> CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 5: DS 1525.

passarão, ao passo que a justificação e a salvação dos eleitos permanecerão»<sup>12</sup>. Pensa mesmo que a justificação dos pecadores é mais importante que a criação dos anjos em justiça, pelo facto de testemunhar uma maior misericórdia.

**1995** O Espírito Santo é o mestre interior. Fazendo nascer o «homem interior»<sup>13</sup>, a justificação implica a *santificação* de todo o ser:

«Pois, como pusestes os vossos membros ao serviço da impureza e do mal para cometer a iniquidade, assim ponde agora os vossos membros ao serviço da justiça para chegar à santidade. [...] Mas agora, libertos do pecado e feitos servos de Deus, tendes por fruto a santidade; e o termo é a vida eterna» (*Rm* 6, 19.22).

### **CIC 2517-2519: a purificação do coração**

**2517** O coração é a sede da personalidade moral: «Do coração procedem as más intenções, os assassínios, os adultérios, as prostituições» (*Mt* 15, 19). A luta contra a concupiscência carnal passa pela purificação do coração e pela prática da temperança:

«Mantém-te na simplicidade, na inocência, e serás como as criancinhas que ignoram o mal, destruidor da vida dos homens»<sup>14</sup>.

**2518** A sexta bem-aventurança proclama: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus» (*Mt* 5, 8). Os «puros de coração» são os que puseram a inteligência e a vontade de acordo com as exigências da santidade de Deus, principalmente em três domínios: a caridade<sup>15</sup>; a castidade ou rectidão sexual<sup>16</sup>; o amor da verdade e a ortodoxia da fé<sup>17</sup>. Existe um nexo entre a pureza do coração, a do corpo e a da fé:

Os fiéis devem crer nos artigos do Credo, «para que, crendo, obedeçam a Deus; obedecendo a Deus, vivam como deve ser; vivendo como deve ser, purifiquem o seu coração; e purificando o seu coração, compreendam aquilo em que crêem»<sup>18</sup>.

**2519** Aos «puros de coração» é prometido que verão a Deus face a face e serão semelhantes a Ele<sup>19</sup>. A pureza do coração é condição prévia para a visão. Já desde agora, permite-nos ver *segundo* Deus, aceitar o outro como um «próximo» e compreender o corpo humano, o nosso e o do próximo, como um templo do Espírito Santo, uma manifestação da beleza divina.

### **CIC 1481, 1736, 2538: David e Natã**

**1481** A liturgia bizantina tem várias fórmulas de absolvição, em forma deprecativa, que exprimem admiravelmente o mistério do perdão: «Deus, que pelo profeta

<sup>12</sup> SANTO AGOSTINHO, *In Iohannis evangelium tractatus*, 72, 3: CCL 36, 508 (PL 35, 1823).

<sup>13</sup> Cf. *Rm* 7, 22; *Ef* 3, 16.

<sup>14</sup> HERMAS, *Pastor* 27, 1 (*mandatum* 2, 1): SC 53, 146 (FUNK 1, 70).

<sup>15</sup> Cf. *1 Ts* 4, 3-9; *2 Tm* 2, 22.

<sup>16</sup> Cf. *1 Ts* 4, 7; *Cl* 3, 5; *Ef* 4, 19.

<sup>17</sup> Cf. *Tt* 1, 15; *1 Tm* 1, 3-4; *2 Tm* 2, 23-26.

<sup>18</sup> SANTO AGOSTINHO, *De fide et symbolo*, 10, 25: CSEL 25, 32 (PL 40, 196).

<sup>19</sup> Cf. *1 Cor* 13, 12; *1 Jo* 3, 2.

Natan perdoou a David, quando ele confessou os seus próprios pecados, a Pedro depois de ele ter chorado amargamente, à pecadora depois de ela ter derramado lágrimas a seus pés, ao fariseu e ao pródigo, este mesmo Deus vos perdoe, por intermédio de mim pecador, nesta vida e na outra, e vos faça comparecer, sem vos condenar no seu temível tribunal; Ele que é bendito pelos séculos dos séculos. Ámen»<sup>20</sup>.

**1736** Todo o acto directamente querido é imputável ao seu autor. Assim, depois do pecado no paraíso, o Senhor pergunta a Adão: «Que fizeste?» (*Gn* 3, 13). O mesmo faz a Caim<sup>21</sup>. Assim também o profeta Natan ao rei David, após o adultério com a mulher de Urias e o assassinato deste<sup>22</sup>. Uma acção pode ser indirectamente voluntária, quando resulta duma negligência relativa ao que se deveria ter conhecido ou feito, por exemplo, um acidente de trânsito, provocado por ignorância do código da estrada.

**2538** O décimo mandamento exige que seja banida a *inveja* do coração humano. Quando o profeta Natan quis estimular o arrependimento do rei David, contou-lhe a história do pobre que só possuía uma ovelha, tratada como se fosse uma filha, e do rico que, apesar dos seus numerosos rebanhos, tinha inveja dele e acabou por lhe roubar a ovelha<sup>23</sup>. A inveja pode levar aos piores crimes<sup>24</sup>. «Foi pela inveja do demónio que a morte entrou no mundo» (*Sb* 2, 24).

«Combatemo-nos uns aos outros e é a inveja que nos arma uns contra os outros [...]. Se todos se encarniçam assim a abalar o corpo de Cristo, onde chegaremos nós? Estamos a extenuar o corpo de Cristo. [...] Declaramo-nos membros dum mesmo organismo e devoramo-nos como feras»<sup>25</sup>.

<sup>20</sup> *Euchológion tò méga* (Atenas 1992) p. 222.

<sup>21</sup> Cf. *Gn* 4, 10.

<sup>22</sup> Cf. *2 Sm* 12, 7-15.

<sup>23</sup> Cf. *2 Sm* 12, 1-4.

<sup>24</sup> Cf. *Gn* 4, 3-8; *1 Rs* 21, 1-29.

<sup>25</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In epistulam II ad Corinthios*, homilia 27, 3-4: PG 61, 588.